

As obras da **FUVEST**

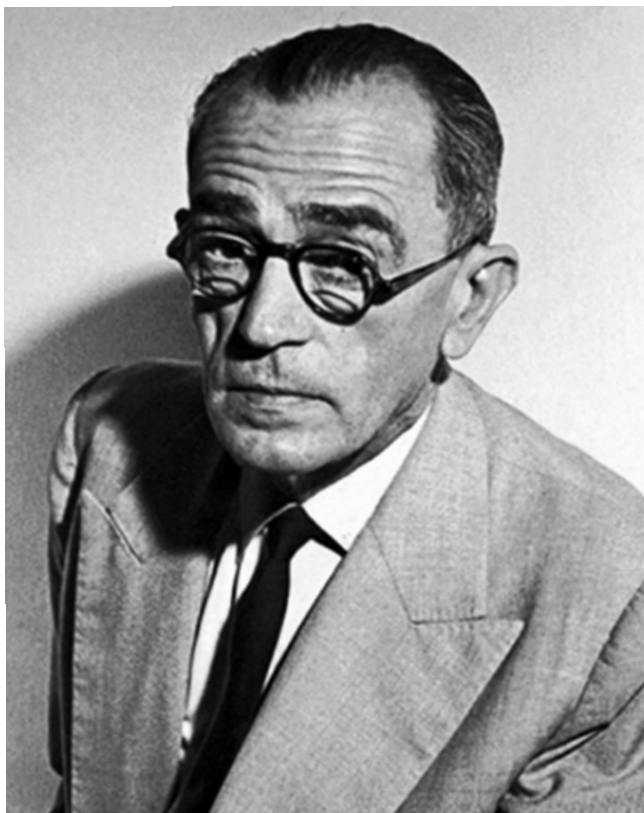
2

Angústia



GRACILIANO RAMOS

ANGÚSTIA



1. BIOGRAFIA DE GRACILIANO RAMOS

Graciliano Ramos nasceu em Alagoas (Quebrangulo), em 1892, e faleceu no Rio de Janeiro, em 1953. Homem de caráter firme, Ramos, em Alagoas, dedicou-se ao jornalismo e, depois, foi prefeito municipal de Palmeira dos Índios. As qualidades do estilo de sua escrita, mesmo em tarefas burocráticas, não deixaram de chamar a atenção, devido às suas propriedades literárias. O autor foi diretor da Instrução Pública, demitido e preso (1936) como suspeito de comunismo, sendo mandado à Ilha Grande, no Rio de Janeiro. De volta à liberdade (1937), Graciliano Ramos fixou-se no Rio de Janeiro, onde trabalhou na educação e na imprensa.

O estilo conciso, direto e áspero consagrou o autor na literatura brasileira, sendo considerado o melhor representante da geração nordestina de 1930. Dentre suas obras destacam-se *São Bernardo* (1934), *Angústia* (1936) e *Vidas Secas* (1938).

2. RESUMO DO ROMANCE *ANGÚSTIA* (1936)

Luís da Silva, homem perturbado psicologicamente, relata os fatos de sua vida, partindo de suas lembranças angustiadas, numa ordem confusa dos acontecimentos, sendo que, após meses acamado e, trinta dias tomando a decisão, começou a escrever suas memórias.

O narrador passou a infância na fazenda de seu avô, Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva, proprietário dominador no interior de Alagoas. O pai de Luís da Silva, Camilo Pereira da Silva, era inativo e consumidor de leituras sem grande complexidade.

Com a morte do avô, o narrador transferiu-se com o pai para uma vila nas proximidades e ingressou na escola de seu Antônio Justino “para desasnar”. (*Angústia*, 1998, p. 13). Quando Camilo Pereira da Silva faleceu, os credores recolheram mercadorias, móveis e tudo o que podiam para quitarem as dívidas do pai de Luís da Silva. O narrador não chorou pela morte do pai, mas caiu em lágrimas quando Rosenda lhe trouxe uma xícara de café.

Graças à bondade de algumas pessoas, Luís da Silva cresceu, entrou para o Exército, estudou sozinho e passou a trabalhar escrevendo artigos para jornais, traduzindo e revisando textos. Mesmo tendo que pedir esmolas e dormir nas ruas muitas vezes, o narrador conseguiu tornar-se funcionário público em Maceió.

Luís da Silva morou numa pensão, de propriedade de D. Aurora, ocasião em que dividiu o quarto com Dagoberto, estudante de medicina, o qual colocava ossos sobre a cama para estudar. Nesse período, o narrador projetou publicar um livro, já que escrevia sonetos, mas, como não conseguiu, passou a vender seus poemas a estudantes.

Algum tempo depois, Luís da Silva mudou-se para a Rua do Macena, pagando aluguel caríssimo de uma casa caindo aos pedaços, de propriedade do Dr. Gouveia.

Nela, o narrador vivia em companhia da criada Vitória, mulher de cinquenta anos de idade, meio surda, muito interessada nos portos de Maceió, e que enterrava o dinheiro recebido pelo trabalho no fundo do quintal da casa, sem gastar nada em algum possível conforto.

Luís da Silva fez amizade com Moisés, judeu de linha esquerdista; Pimentel, homem interessado em política; e Ivo, alcoólatra sem moradia. Sempre muito

voltado para si mesmo, o narrador aliava seu emprego público com os serviços para o jornal, chegando a escrever artigos sob encomenda para os políticos de Alagoas.

A vizinhança de Luís da Silva compunha-se de D. Rosália, mulher casada com um homem que raramente aparecia; Antônia, empregada de Rosália, inquieta sexualmente e envolvendo-se com diversos homens; D. Adélia e seu Ramalho, pais de Marina, vizinhos recém-chegados e de poucos recursos financeiros; D. Mercedes, uma espanhola que tinha suas despesas sustentadas por um homem público que a visitava somente à noite; o Lobisomem, velho e pai de três filhas com as quais, segundo os fofoqueiros locais, relacionava-se sexualmente; uma mulher, vizinha da divisa do quintal, que vivia lavando garrafas e um homem que enchia as pipas.

A vida de Luís da Silva corria monotonamente até a mudança de Marina para a casa vizinha. Ela, loura avermelhada, de olhos azuis e corpo volumoso e sedutor, atraiu a atenção do narrador, o qual, até então, apenas se envolvera rapidamente com prostitutas.

Marina, moça pobre, tornou-se amiga de Luís da Silva, que, embora apaixonado por ela, não admitia o sentimento. Certa vez, ao Marina estender-lhe a mão para agradecer o emprego que o narrador lhe arrumara, embora ela não gostasse de trabalhar, Luís da Silva apertou e mordeu-lhe a mão, puxando-a para si e envolvendo-a com as mãos enquanto a beijava. Ela, assustada, aparentemente, fez-se de menina pura e o narrador disse-lhe que iriam se casar. Na verdade, o desejo de Luís da Silva era sexual, mas vendo que nada conseguiria fisicamente com Marina, propôs a união para poder tê-la em sua cama.

O narrador, então, ao ouvir de Marina que precisava comprar algumas coisas para o casamento, adiantou-lhe uma quantia para adquirir o essencial. Entretanto, ao vê-la insatisfeita com um casamento pobre, acabou se envolvendo em grandes dívidas, para contentar Marina, adquirindo, também, um relógio-pulseira e um anel para presentear-lá.

Certa vez, quando Luís da Silva voltava mais cedo para casa, ele encontrou Marina conversando com Julião Tavares, amigo recente do narrador, a contragosto deste último, o qual teve, naquele momento, vontade de matar Julião Tavares.

Luís da Silva recordou-se de um fato envolvendo seu avô: uma cobra havia se enrolado ao pescoço dele, fazendo-o pular desesperadamente até se livrar do animal. Tal visão passou a perseguir o narrador ao longo de seu relato.

Enquanto Marina se aproximava de Julião Tavares, Luís da Silva, humilhado, afastava-se dos dois. Ele, então, procurou se envolver com uma datilógrafa, mas foi preterido por ela.

Julião Tavares passou a frequentar a casa de D. Adélia e seu Ramalho, presenteando sempre mãe e

filha, mesmo com a oposição do pai. Enquanto isso, Luís da Silva acompanhava os acontecimentos à distância, tinha delírios com a imagem da cobra enrolada ao pescoço do avô e via cordas em objetos compridos.

D. Adélia desentendia-se com o marido, e Marina aproveitava a vida indo ao cinema com Julião Tavares e dele recebendo vários presentes. Ela prosperava no luxo e Luís da Silva entalava-se nas dívidas.

Uma ocasião, Julião Tavares foi buscar Marina para ir à ópera, trajando um belo *smoking* e parando com uma *limousine* em frente a casa da moça. Luís da Silva, que assistia a tudo, desejou ir também ao teatro, mas não tinha dinheiro para isso. Então, o narrador decidiu furtar o dinheiro de Vitória enterrado no fundo do quintal para ir à ópera, prometendo devolver a quantia em dobro para a empregada, o que realmente fez ao receber seu salário.

Um dia, Luís da Silva ouviu uma conversa entre D. Adélia e a filha Marina. Era comum o narrador encostar-se à parede do banheiro, que era colado ao da vizinha, e deliciar-se com os sons dos banhos, imaginando a nudez de Marina. Ouvindo essa conversa, ele soube que Marina estava grávida e, transtornado, decidiu que Julião Tavares deveria morrer.

Casualmente, seu Ivo presenteou Luís da Silva com uma corda, deixando-a sobre a mesa. O objeto aguçava a tentação do narrador que findou guardando a corda em seu bolso.

Luís da Silva começou a seguir Marina e a fugir de Julião Tavares, sempre com a corda no bolso e tocando-a constantemente. Tudo corria mal ao narrador que não conseguia mais dormir, comia pouco, trabalhava sem interesse e com dificuldade, ingeria frequentemente aguardente e era perseguido pelos seus delírios.

Certa ocasião, Luís da Silva, seguindo Marina, viu-a entrar na casa de uma parteira. Na saída, ele a interpelou e, irritado, xingou-a de puta. Julião Tavares, por sua vez, envolveu-se com uma moça que trabalhava em uma loja e morava no bairro distante do Bebedouro.

O narrador, antevendo que o destino da moça seria semelhante ao de Marina, seguiu Julião Tavares, o qual ia se encontrar de madrugada com sua nova conquista. Ao ver o bacharel saindo da casa, Luís da Silva, aproximou-se de Julião Tavares e enlaçou-lhe a corda no pescoço, apertando-a. Após uma breve luta, que ocasionou cortes nas mãos de Luís da Silva, por causa da pressão da corda, Julião Tavares tombou morto.

O narrador, então, dependurou o corpo do conquistador de mulheres num galho de uma árvore, a fim de simular um suicídio, e voltou para casa, onde bebeu sua cachaça e adormeceu em meio a delírios.

Um mês após recuperar-se de uma espécie de coma, o narrador começou a escrever a história de amor e morte na qual se envolvera, justamente como se inicia o romance *Angústia*, fazendo-se a narrativa circular, isto é,

findando o livro exatamente no ponto em que ele começa, quando Luís da Silva redige suas confissões: “Eu era uma figurinha insignificante e mexia-me com cuidado para não molestar as outras. 16.384¹. Íamos descansar. Um colchão de paina.” (*Angústia*, 1998, p. 227).

3. BREVE ANÁLISE DO ROMANCE

A palavra *angústia*, vem da mesma família que *ângulo*, *âncora*, *inglês* e *angina*. A raiz é **ang**, que significa “forma estreita”, como é o caso de um gancho, uma enseada ou um desfiladeiro. Do ponto de vista do espírito, a angústia é uma abertura, um estado de aflição e existe independentemente de qualquer fator externo.

Luís da Silva vive em estado de angústia e, começa redigir suas memórias após uma crise existencial aflitiva:

Levantei-me há cerca de trinta dias, mas julgo que ainda não me restabeleci completamente. Das visões que me perseguiam naquelas noites compridas umas sombras permanecem, sombras que se misturam à realidade e me produzem calafrios. (*Angústia*, 1998, p. 7)

Ao começar a redação do livro, tudo que tinha de acontecer já tinha ocorrido e, portanto, o narrador forçará sua memória embarçando os fatos:

O sino da igreja bate a primeira pancada das ave-marias.

Não, não é o sino da igreja, é o relógio da sala de jantar. Oito e meia. Preciso vestir-me depressa, chegar à repartição às nove horas. Apronto-me, calço as meias pelo avesso e saio correndo. Paro sobressaltado, tenho a impressão de que me faltam peças do vestuário. Assaltam-me dúvidas idiotas. Estarei à porta de casa ou já terei chegado à repartição? Em que ponto do trajeto me acho? Não tenho consciência dos movimentos, sinto-me leve. Ignoro quanto tempo fico assim. Provavelmente um segundo, mas um segundo que parece eternidade. Está claro que todo o desarranjo é interior. Por fora devo ser um cidadão como os outros, um diminuto cidadão que vai para o trabalho maçador, um Luís da Silva qualquer. Mexo-me, atravesso a rua a grandes pernadas.

Tenho contudo a impressão de que os transeuntes me olham espantados por eu estar imóvel. (*Angústia*, 1998, p. 22)

O emprego do monólogo interior revela o descontrole e a confusão dos sentidos de Luís da Silva, no entanto, suas frases, apesar de digressivas, mostram uma

busca do autoentendimento. Do ponto de vista artístico – e aqui temos de pensar na tática do autor – há uma intenção bem estudada nesse atrapalhar-se, e a causa desse estado aponta para distúrbios de origem social e pessoal.

O uso do presente habitual (e não do presente aqui e agora) mostra a ânsia do narrador por recapitular o passado recente, sendo, dessa forma, a perspectiva da memória do narrador.

São contínuas a preocupação de Luís da Silva em orientar-se no tempo e no espaço e a dispersão dos fatos que relembra, elementos que não seguem uma ordem progressiva e se embaralham. Do ponto de vista da personagem, isso indica seu estado mental, mas do ponto de vista de Graciliano Ramos esse tipo de digressão é uma tentativa moderna de descrever os estados de consciência em sua realidade mais aceitável e verossímil em uma forte análise da intimidade.

A digressão constante dá economia à obra e impede a linearidade e o previsível. O livro quer transmitir um estado de perturbação vivido pelo personagem-narrador, que precisa expressar-se mais do que explicar-se do que fizera e por que fizera.

Ficamos sabendo, pelo narrador, que ele mora em Alagoas, trabalha em uma repartição e escreve artigos, em nome de si mesmo ou de outros, que o remuneram para isso, tem uma criada, Vitória, e interessa-se por Marina. O narrador ganha pouco e deve aluguéis ao Dr. Gouveia e algumas prestações a Moisés. Fuma demais e bebe com frequência.

Tudo é dito com a memória escorregando de um ponto para outro, sem fechar os assuntos. Os fatos se vão retomando periodicamente e, mais além, vão mostrando causa e efeito. O excesso de intranquilidade faz o narrador fugir ao passado familiar, bem longe daquelas plagas. Da infância, Luís da Silva tem a recordação de Trajano, seu avô, fazendeiro dos antigos tempos. O avô rico e combativo terminou a vida decadente e esclerosado. Camilo, o pai do narrador, era indolente e rude, sobretudo com o filho.

Entre as figuras do presente, Moisés é a mais curiosa: homem de esquerda, com ímpetos revolucionários, e que tinha vergonha de cobrar seus devedores. Vitória, a criada, tem cinquenta anos e esconde o dinheiro que ganha. D. Adélia e seu Ramalho, são os pais de Marina. Ele, calado, asmático, censura os namoricos da filha. Menos frequente na narrativa é a presença do Lobisomem, que olha para os próprios pés e não fala com ninguém (diziam que seduzira as filhas). A figura central, depois do narrador, é a de Marina:

Foi numa dessas suspensões que percebi um vulto mexendo-se no quintal da casa vizinha. Como já disse, existe apenas uma cerca separando os dois quintais. Do lado esquerdo há um muro, e ignoro completamente o que

¹Referência ao número do bilhete da loteria que um cego anunciava. Luís da Silva pensou que, se ganhasse na loteria, seus problemas com Marina estariam resolvidos.

se passa além dele. Mas daquela banda o que temos é a cerca baixa, que Vitória conserta sempre por causa das galinhas e para guardar dinheiro nos pés das estacas podres (...) O vulto que se mexia não era a senhora idosa: era uma sujeitinha vermelhaça, de olhos azuis e cabelos tão amarelos que pareciam oxigenados. Foi só o que vi, de supetão, porque não sou indiscreto, era inconveniente olhar aquela desconhecida como um basbaque. Demais não havia nada interessante nela.

Onde andaria a senhora idosa, que todas as manhãs ia regar as plantas, com um pano branco amarrado à cabeça? Mudara-se, provavelmente, e aquela que ali estava devia ser moradora nova.

– Sim senhor, disse comigo, muito poética, aí entre as roseiras, com os cabelos pegando fogo e a cara pintada. Sentia a ausência da senhora idosa, cheia de rugas, tranquila, um pano amarrado à cabeça e o regador na mão, movendo-se tão devagar que era como se estivesse parada. Essa outra estava em todos os lugares ao mesmo tempo, ocupava o quintal inteiro. Um azougue.

– Quem diabo tem ela?

E mergulhei na leitura, desatento, está claro, porque o livro não valia nada. Virava a página muitas vezes, e quando isto acontecia, olhava, fingindo desinteresse, a mulher dos cabelos de fogo. Tinha as unhas pintadas.

– Lambisgoia. (Angústia, 1998, p. 33)

Luís da Silva tem a sensibilidade elevada (apreciava a senhora das rosas) e a impulsão animal, instintiva (não muito diferente daquela que se via em romances naturalistas). Uma polaridade, portanto. Num caso, sente a falta de uma pessoa como as outras, que regava as plantas. Noutro caso, sente a provocação mais forte das mulheres e a felina reação do homem: “*Que diabo tem ela?*” (Angústia, 1998, p. 33) – pergunta-se Luís da Silva.

Mas a polaridade do narrador continua noutras áreas. Ele gosta de leituras e de rosas, antipatiza-se com os adornos femininos e com os figurões da sociedade (Julião Tavares é um deles), os católicos e os reacionários. Certamente Luís da Silva tem a simplicidade e a aspereza do homem pobre nordestino, um homem que aprecia a franqueza e a bravura, enraizadas na região.

Mas, quem se apercebe da escrita do narrador, sabe que ele gosta das palavras e que com elas busca entender sua situação no mundo e na vida. Até que ponto esses dois lados se fundem ou separam? Por isso a distância entre ele e Marina é grande: ele é sensível, com variações para a bruteza; ela é bonita, com inclinação para as vulgaridades da moda e da pretensão.

Do ponto de vista do instinto, Luís da Silva é criança perto de Marina, enganado por ela, mas desejando domá-la, trata-a com severidade e vigilância. Ele sabe que não tem dinheiro, nem charme, nem disposição para isso nem

para romantismos. Luís da Silva quer o corpo de Marina e, por isso, precisa casar-se com ela o mais depressa possível, com ou sem confortos. Seu amor é posse, é uma busca de descanso e gozo.

Luís da Silva quer casar com “modéstia”, mas Marina quer casar com “decência”, duas coisas diferentes. Com os quinhentos mil-réis que o narrador lhe dera, ela compra ninharias. Luís da Silva, pede, então, mais dinheiro a Moisés.

Ao chegar à Rua do Macena recebi um choque tremendo. Foi a decepção maior que já experimentei. À janela da minha casa, caído para fora, vermelho, papudo, Julião Tavares pregava os olhos em Marina, que, da casa vizinha, se derretia para ele, tão embebida que não percebeu a minha chegada. Empurrei a porta brutalmente, o coração estalando de raiva, e fiquei em pé diante de Julião Tavares, sentindo um desejo enorme de apertar-lhe as goelas. (Angústia, 1998, p. 74-75)

A sensação de enforcar o rival foi crescendo em Luís da Silva e a palavra “corda” começa a aparecer com frequência na narrativa. Para desanuviar-se, o narrador se lembra da infância, do bem vivido em outras terras e, sobretudo, da presença do avô. Tal nostalgia, espécie de consolo, mostra insegurança no enfrentar os desafios modernos. Ele chega a sair com uma prostituta, que não lhe aceita o pagamento, pois tinham só conversado, para esquecer Marina, a qual se mostra mais fria. Luís da Silva resolve falar com D. Adélia, que tenta amenizar as coisas, mas ele é taxativo:

D. Adélia, olhe para a minha cara. A senhora me acha com jeito de corno? (Angústia, 1998, p. 88)

Marina sai com Julião Tavares, ganha dele vestidos e sapatos. Certa vez os dois vão à ópera, de *limousine*. Alucinado, Luís da Silva também vai ao teatro (com o dinheiro roubado de Vitória). Um dia, o narrador ouviu tensa conversa entre Marina e sua mãe. D. Adélia ficou aterrada, quando Marina lhe confessou a gravidez. Luís da Silva, que do banheiro ouvira a conversa, pensa em enforcar Julião Tavares e, nos dias seguintes, vive transtornado, guardando no bolso uma corda que lhe deixara seu Ivo.

Assim, o narrador começa a perseguir Julião Tavares, embora com receio, bebe e vaga às noites. Certa vez, Luís da Silva vê Marina entrando em casa de uma parteira. Quando ela saiu do local, ele ofendeu-a. A indignação se torna mais intensa quando o narrador soube que Julião seduzira outra jovem, que era pobre, e morava num lugar distante. Julião a visitava em altas horas, para não ser notado, mas Luís da Silva o vigiava.

O narrador, então, enlaça a corda em Julião Tavares, enforca-o, pendura o corpo num galho de árvore, e segue para a casa. No dia seguinte, o narrador destrói todos os vestígios do crime (gravata, manchas na roupa, terra nas unhas) e falta na repartição da Diretoria do Tesouro. Luís da Silva adormece, perseguido por pesadelos tremendos. Trinta dias depois, o narrador começa o seu relato, antecipando os fatos mais recentes.

4. APÊNDICE

DIANTE DO OUTRO: *ANGÚSTIA*² (Luís Bueno)

Angústia ocupa lugar singular na obra de Graciliano e foi o romance sobre o qual, com o correr dos anos, mais variou o julgamento da crítica – e o do próprio autor. Por duas décadas foi considerado a grande obra do escritor e, quando Antonio Candido escreve *Ficção e Confissão*, testemunha esse prestígio³. A partir desse texto crítico definitivo para o estabelecimento do sentido da obra de Graciliano Ramos, *Angústia* foi perdendo esta posição, a ponto de, no início da década de 80 não sobrar nem rastro desse prestígio e Lúcia Helena Carvalho, em sua tese. *A Ponta do Novelo*, trabalhar com a ideia de que *Angústia* era um livro que não havia sido apreciado pela crítica em seu devido valor: “deve-se considerar, no entanto, que ao tempo de sua publicação (1936), assim como nas três décadas que se lhe seguem, nem o autor nem a crítica se encontravam preparados para absorver tamanha carga de estranhamento”⁴. Essa observação é feita depois de a estudiosa elencar uma série de julgamentos desfavoráveis do próprio Graciliano Ramos sobre o livro, extraídos de *Memórias do Cárcere*. Como se sabe, Graciliano maltrata impiedosamente *Angústia* em suas memórias do ano que passou preso e, numa carta dirigida a Antonio Candido em 1945, anos antes de começar a escrever as *Memórias*, já dizia que *Angústia*, “saiu ruim: porque “é um livro mal escrito”⁵.

Essas manifestações de desagrado pelo que escrevia eram corriqueiras em Graciliano Ramos, mas é evidente que *Angústia* ocupa uma posição especial nesse hábito de depreciação da própria obra, já que o desagrado fica confirmado pelo fato de que foi o único de seus romances que ele reviu para as novas edições – e as quatro

reedições que se fizeram do livro em vida do autor vêm com a indicação de “edição revista”. Tudo isso torna muito curioso um pequeno texto publicado por Murilo Miranda na *Revista Acadêmica* em 1940, quando *Angústia* ainda estava em sua primeira edição. O inquérito sobre os dez melhores romances brasileiros já ia em meio e Murilo Miranda tentou começar uma nova enquete: “qual o seu melhor livro?”. Rapidamente vai declarar que essa ideia não vai para frente porque ninguém lhe queria responder. Alguns escritores, no entanto, o fizeram: Manuel Bandeira, por exemplo, deu resposta curiosa, dizendo que o seu melhor livro seria a reunião de dois; Rachel de Queiroz declarou preferência por *Caminho de Pedras*; Marques Rebelo foi marcante: “Comigo, respondeu o sr. Marques Rebelo, tem que ser no plural: os meus melhores livros são todos, concluiu”. No mesmo artigo em que se registra essa resposta tão típica do autor de *A Estrela Sobe*, Murilo Miranda se referiria a uma conversa com Graciliano Ramos sobre seu livro preferido:

O sr. Graciliano Ramos, autor de quatro romances, quase prefere um relatório que publicou em 1929, quando era funcionário do governo de Alagoas. É que foi esse relatório que revelou o escritor. Metendo o pau no governo nas vésperas da revolução de 30, o relatório agradou em cheio, tendo sido transcrito em todo Brasil. Despertando a atenção de Schmidt, que nesse tempo era editor, Graciliano teve a encomenda de um romance. Assim, surgiu Caetés nas livrarias.

*Mas, botando o coração de lado, Graciliano acha que Angústia é o seu melhor livro, que agora ocupa o 2º. lugar no inquérito de romances*⁶.

O leitor de hoje fica surpreso: quer dizer então que Graciliano gostava do livro – ou, pelo menos, em algum momento julgou adequado dizer que gostava – e, com ele, toda a intelectualidade brasileira, que o colocava como o segundo maior romance brasileiro de todos os tempos, depois apenas de *Dom Casmurro*⁷. De fato, ao final do inquérito, *Angústia* saíria consagrado como o mais importante romance da década de 30, merecendo votos de 87 diferentes intelectuais – o segundo seria *Jubiabá*⁸, com 75 votos⁹.

² Reproduz-se aqui o valioso estudo de Luís Bueno, publicado em *Uma história do romance de 30*, na íntegra, considerando-se a importância dos elementos do romance *Angústia* nele destacados.

³ “Dos livros de Graciliano Ramos, *Angústia* é provalmente o mais lido e citado, pois a maioria da crítica e dos leitores o considera sua obra-prima”. Antonio Candido, *op.cit.* p.33. (Nota do autor).

⁴ Lúcia Helena Carvalho, *A Ponta do Novelo*, p. 21. (Nota do autor).

⁵ Graciliano Ramos, a carta de 12 nov. 1945 a Antonio Candido reproduzida em Antonio Candido, *op. cit.*, p. 8. (Nota do autor).

⁶ Murilo Miranda, “Qual o seu Melhor Livro?”, *Revista Acadêmica*, jul. 1940(50), sem numeração de página. Já no número 51, de setembro, Murilo Miranda declara a falência do inquérito. (Nota do autor).

⁷ Romance de Machado de Assis.

⁸ Obra de Jorge Amado.

⁹ Ver o balanço final da enquete, publicado no número 55, jun. 1941. Ao contrário das listas de melhores que a imprensa, aproveitando o clima de balanço que o final do século favorece, andou publicando entre 1999 e 2000, elaboradas a partir das considerações de não mais que cinco ou dez intelectuais, o inquérito da *Revista Acadêmica* é significativo porque levou dois anos (começou no número 44, jun. 1939) para registrar os votos de mais de uma centena de intelectuais, num tempo em que havia muito menos gente

O problema da apreciação de *Angústia* no seu devido valor não tem relação com o maior ou menor preparo da crítica destes ou de outros tempos, como afirma Lúcia Helena Carvalho, em sua fé na superioridade da crítica universitária. O que aconteceu na história da recepção do romance foi um sobe-e-desce que pode ser entendido como decorrente da variação do que tem sido valorizado pela tradição do romance brasileiro no decorrer do século XX. Afinal, *Angústia* é o romance de um autor de esquerda, na década de 30, que mais se aproximou das experiências de autores católicos com o Lúcio Cardoso e Cornélio Penna porque, apesar das muitas diferenças que se podem apontar, nele Graciliano Ramos trabalhou com elementos com que esses autores também trabalharam ou desejaram trabalhar, tais como a instropeção exercitada em vertiginosa profundidade, o aspecto fantasmagórico que muitas vezes toma a narrativa e uma psicologia que extrapola qualquer previsibilidade, explorando a “hipótese riquíssima de dois e dois somarem cinco”, para retomar os termos com que Mário de Andrade se referiu a Cornélio Penna. Mas em Graciliano Ramos a psicologia não se separa da vida social, e em *Angústia* fica muito claro o quanto há de recalque social na crise psicológica que leva Luís da Silva a matar Julião Tavares.

Dessa maneira, à época do inquérito da *Acadêmica*, o livro foi referido como um dos dez melhores romances brasileiros tanto por Octávio de Faria e Lúcio Cardoso quanto por Jorge Amado e Rachel de Queiroz, para ficarmos nos principais nomes da esquerda e da direita¹⁰. Com o passar do tempo, por um lado, o romance que podia ser visto como intimista foi caindo na consideração da crítica, como já se acentuou aqui sobre a trajetória de Cornélio Penna; por outro lado, tendo o nome de Graciliano Ramos ficado cada vez mais associado ao romance realista, e sua escrita definida como seca e concisa, *Angústia* foi parecendo coisa meio fora de prumo. Mais uma vez vamos encontrar em *Ficção e Confissão*¹¹ a formulação definidora da questão: “Romance excessivo, contrasta com a discrição, o despojamento dos outros, e talvez por isso mesmo seja mais apreciado, apesar das partes gordurosas e corruptíveis (ausentes de *S. Bernardo* ou *Vidas Secas*)¹² que o tornam mais facilmente transitório”¹³.

E o próprio Graciliano acabou assumindo que concordava com essa visão sobre o livro. Isso fica demonstrado de viva voz, por assim dizer, naquela carta endereçada a Antonio Candido. Mas há também uma

curiosa história contada por Ricardo Ramos, que dá a essas restrições um peso relativo, já que dimensiona bem o tipo de revisão de que o livro foi objeto. Graciliano procurara o filho, com um exemplar da segunda edição pedindo que ele relesse o livro para ver se o conseguia tirar alguns “ques” dali. Ricardo leu e apontou, em todo o romance, três “ques” dispensáveis, além de um quarto, que exigiria alteração na frase. Graciliano ficou contente: “Ótimo. Valeu a pena. São quatro pestes a menos”¹⁴. Esse é o tipo de revisão que Graciliano fez em *Angústia*. Mesmo reconhecendo haver nele partes gordurosas, jamais cortou tais adiposidades, mal aparando-as com esses pequenos ajustes. É exatamente aí que se vê a consciência artística de um homem que escreveu num tempo em que o romance tinha que dar um recado político e pronto. Ele certamente percebia que o projeto de *Angústia* exigia uma prosa diferente da de *S. Bernardo*, por exemplo. Pensando os romances nessa linha que se propõe aqui, em *S. Bernardo* o eu, de uma forma ou de outra, mantém o controle da situação, evitando cair de vez no impasse que é encarar o outro. Em *Angústia* não. Em *Angústia* é o impasse. As eventuais repetições, como tudo que se afasta do estilo espartano do escritor – e é sempre bom lembrar que esse afastamento é mínimo e Graciliano está inteiro como escritor em *Angústia* – tem relação direta com o tipo de narrativa que se constrói. Lúcia Helena Carvalho já chamou a atenção sobre esse aspecto do romance: “a narrativa circula sempre em torno do mesmo motivo, como *parafuso*, metáfora esta textualizada pelo autor e que define os próprios processos mentais do protagonista”¹⁵.

A profundidade do impasse da relação com o outro é mais aguda para Luís da Silva do que para João Valério¹⁶ e Paulo Honório¹⁷ por dois motivos. O primeiro deles diz respeito à questão da origem, mal mencionada por João Valério e de certa forma resolvida para Paulo Honório. O outro diz respeito ao fato de que, na escala social, jamais Luís da Silva trepou, para usar a expressão tão cara a Graciliano Ramos. As duas coisas estão entrelaçadas porque resultam numa diferença fundamental entre este e os outros heróis que Graciliano Ramos havia criado até ali: Valério e Paulo se colocam como início de alguma coisa, descrevem um salto social – definitivo para o primeiro e precário para o segundo –, o que lhes permite, de um jeito ou de outro, se verem como criadores de alguma coisa. Luís da Silva, ao contrário, representa o final melancólico de uma família – e mais: de uma ordem. Assim, João Valério se tornou sócio e isso o apaziguou por completo,

dedicada ao ramo da crítica do que hoje. Seu caráter inclusivo lhe dá uma representatividade e uma legitimidade que as novas enquetes não podem ter. (Nota do autor).

¹⁰ Os votos de Octávio de Faria, Lúcio Cardoso e Jorge Amado estão registrados no número 44, jun. 1939, e o de Rachel de Queiroz no número 45, de agosto do mesmo ano. (Nota do autor).

¹¹ Obra de Antonio Candido

¹² Romances de Graciliano Ramos.

¹³ Antonio Candido, *op. cit.*, p. 34. (Nota do autor).

¹⁴ Ricardo Ramos, *Graciliano: Retrato Fragmentado*, p. 110. Uma página antes Ricardo Ramos registra a impressão de que Graciliano tinha predileção por *Angústia* entre seus livros. (Nota do autor).

¹⁵ Lúcia Helena Carvalho, *op. cit.*, p. 23. (Nota do autor).

¹⁶ Personagem de *Caetés* de Graciliano Ramos.

¹⁷ Personagem do romance *São Bernardo* de Graciliano Ramos.

pois obteve o triunfo tanto para si quanto para o meio em que ele vivia. Paulo Honório também subiu dentro de uma ordem, a ponto de se reconciliar com suas origens, e a obsessão de se tornar proprietário da fazenda em que foi trabalhador mostra um desejo de atar as duas pontas da vida, que é única e pode ter, pelo menos em princípio, duas extremidades que se toquem. Trazer a mãe Margarida para S. Bernardo não é conflituoso porque as origens paupérrimas e a conquista da posição de proprietário se dão dentro de uma ordem única. Mais do que isso: confirma a ascensão e a legítima.

Luís da Silva é diferente deles. Há um passado familiar, conhecido em seus tempos de decadência, mas com suficientes marcas de grandeza, que não pode deixar de atingi-lo. Logo no início da narrativa, durante aquele famoso passeio de bonde que o conduz ao passado, esse universo vai ser edificado pela memória como um espaço de conciliação possível – e é como se o leitor tivesse diante de si o Carlinhos de Melo do *Menino de Engenho*¹⁸:

*Tento lembrar-me de uma dor humana. As leituras auxiliam-me, ataçam-me o sentimento. Mas a verdade é que o pessoal da nossa casa sofria pouco. Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva caducava; meu pai vivia preocupado com os doze pares de França; sinha Germana tinha morrido; Quitéria, coitada, era bruta demais e por isso insensível. Os outros moradores da fazenda, as criaturas que viviam em ranchos de palha construídos nas ribanceiras do Ipanema, não se queixavam. José Baía falava baixo e ria sempre. Sinha Terta rezava novenas e fazia partos pela vizinhança. Amaro vaqueiro alimentava-se, nas secas, com sementes de mucunã lavadas em sete águas, raiz de imbu, miolo de xiquexique, e de tempos a tempos furtava uma cabra no chiqueiro e atirava a culpa à suçuarana. Dores só as minhas, mas estas vieram depois (p. 36).*¹⁹

O passado permite apagar o outro porque remete a uma ordem em que tudo está em seu lugar e, portanto, não há infelicidade. Quitéria era bruta, e isso consistia uma felicidade para ela. Os moradores mais pobres não se queixavam – devia estar tudo bem com eles, então. Não há nem sequer, para Luís da Silva, a possibilidade de haver dor humana – exceto as suas próprias. Mas elas não estavam presentes quando aquela ordem vigorava: vieram depois. Com esse curto comentário no final ele indica que vive numa outra ordem, e numa posição de inferioridade, que lhe causa incômodo.

E de que maneira ele consegue lidar com essa posição de inferioridade numa ordem que vigora no presente? Evadindo-se, colocando-se à margem. Sendo,

¹⁸ Romance de José Lins do Rego.

¹⁹ Luís Bueno emprega a edição de 1938 do Romance *Angústia* neste estudo.

em certo sentido, como Naziazeno²⁰, um rato – e é como um rato que ele se caracteriza nesse mesmo início de narrativa. É preciso, no entanto, destacar que o início da narrativa é um momento de crise. O começo da história da relação com Marina, motor do acontecimento-chave do romance, o assassinato de Julião Tavares, se dá em um momento de tranquilidade para ele.

E para Luís da Silva a tranquilidade significa assumir uma posição de espectador – e aí ele se parece muito mais com Belmiro²¹ do que com Naziazeno. A posição de mero figurante o humilharia, seria inaceitável. Ele se converte numa espécie de *voyeur*. E, de fato, todo o tempo em que está em casa ele dedica à observação dos outros. Interage pouco com os vizinhos, mas sabe tudo o que acontece, porque a tudo assiste. Há mesmo duas personagens, o homem que enche as dornas e a mulher que lava vidros, de quem nada se sabe, exceto que Luís os observa e projeta neles sua tristeza. D. Rosália, D. Mercedes, Antônia, o Lobisomem e suas filhas: de todos sabemos algo, embora Luís não tenha qualquer relação com eles. Essa tendência, aliás, se revela nele desde pequeno. Em sua primeira mudança, a ida para a vila depois da morte do avô, ele já está nessa posição de observador. Não é coincidência que o olhar do primeiro deslocamento se misture ao olhar decisivo sobre a nova vizinha, Marina, em sua narrativa:

A escola era triste. Mas durante as lições, em pé, de braços cruzados, escutando as emboanças de mestre Antônio Justino, eu via, no outro lado da rua, uma casa que tinha sempre a porta escancarada mostrando a sala, o corredor e o quintal cheio de roseiras. Moravam ali três mulheres velhas que pareciam formigas. Havia rosas em todo o canto. Os trastes cobriam-se de grandes manchas vermelhas. Enquanto uma das formigas, de mangas arregaçadas, remexia a terra do jardim, podava, regava, as outras andavam aterafadas, carregando braçadas de rosas. Daqui também se veem algumas roseiras maltratadas no quintal da casa da vizinha. Foi entre essas plantas que, no começo do ano passado, avistei Marina pela primeira vez, suada e com os cabelos pegando fogo (pp. 18-19).

O início do hábito de se manter a distância, observando, nascido da transferência do ambiente seguro da fazenda para o estranhamento da vila e da escola, e o momento em que esse hábito vai se tornar insuficiente marcam, num só movimento narrativo, a existência das duas ordens a que Luís se liga e a precariedade da forma como consegue conciliá-las para se manter tranquilo. Essa assunção da posição de observador se dará em todos os níveis da vida social de Luís em Maceió. No café ele se portará da mesma maneira:

²⁰ Personagem de *Os ratos* de Dyonélio Machado.

²¹ Personagem de *O amanuente Belmiro* de Cyro dos Anjos.

Há o grupo dos médicos, o dos advogados, o dos comerciantes, o dos funcionários públicos, o dos literatos. Certos indivíduos pertencem a mais de um grupo, outros circulam, procurando familiaridades proveitosas. Naquele espaço de dez metros formam-se várias sociedades com caracteres perfeitamente definidos, muito distanciadas. A mesa a que me sento fica ao pé da vitrine dos cigarros. É um lugar incômodo: as pessoas que entram e as que saem empurram-me as pernas. Contudo não poderia sentar-me dois passos adiante, porque às seis horas da tarde lá estão os desembargadores. É agradável observar aquela gente. Com uma despesa de dois tostões, passo ali uma hora, encolhido junto à porta, distraíndo-me (pp. 28-29).

É claro que ser um mero espectador para Luís da Silva é incômodo – sensação que se torna física na posição que ocupa dentro do café – mas é agradável. A dois daqueles grupos, pelo menos a princípio, ele pertenceria: o dos funcionários e o dos literatos, mas sua preferência é por aceitar o incômodo, pequeno diante do incômodo maior que seria pertencer a grupos como aqueles, sem o estatuto do grupo dos comerciantes ou dos desembargadores, gente rica, prestigiosa.

Esse desejo de isolamento se liga a características psicológicas muito marcantes de Luís. Uma delas é a sua mania de limpeza. Ao imaginar-se na cadeia, incomoda-se sobretudo com a sujeira, principalmente a das grades, a que não poderia se encostar, e descreve sua obsessão:

Lavo as mãos uma infinidade de vezes ao dia, lavo as canetas antes de escrever, tenho horror às apresentações aos cumprimentos, em que é necessário apertar a mão que não sei por andou, a mão que meteu os dedos no nariz ou mexeu nas coxas de qualquer Marina. Preciso muita água e muito sabão (p. 220).

Uma barreira de água e sabão o separa do mundo. Desde criança a água, purificadora, o atraía. Num poço, seu pai o afogava horripelmente numa brincadeira das mais estúpidas, mas ainda é a água que o salva: assim que aprende a nadar pode se afastar do torturador através dela. Os banhos de chuva são dos poucos momentos felizes da infância que a memória lhe traz.

Gostava de me lavar assim quando era menino. A trovoadas ainda roncava no céu, e já me preparava. Às vezes a preparação durava três dias dias. O trovão rolava por este mundo, os relâmpagos sucediam-se com fúria. Quitéria encafuava-se, oferecia peles de fumo a Santa Clara, escondia a cabeça debaixo das cobertas e gritava: “Misericórdia!”; meu pai largava o romance, nervoso; Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva chamava

sinha Germana, que tinha morrido. Quando o aguaceiro chegava, o couro cru da cama do velho Trajano virava mingau, tanta goteira havia; a rede suja de Camilo fedia a bode; os bichos da fazenda vinham abrigar-se no copiar; o chão de terra batida ficava todo coberto do excremento.

Eu tirava as alpercatas, arrancava do corpo a camisinha de algodão encardido, agarrava um cabo de vassoura, fazia dele um cavalo e saía pinoteando, pererê, pererê, pererê, até o fim do pátio, onde havia três pés de juá. Repetia o exercício, cheio duma alegria doida, e gritava para os animais do curral, que se lavavam, como eu. Fatigado, saltava para o lombo do cavalo de fábrica, velho e lazarento, galopava até o Ipanema e caía no poço da Pedra. As cobras tomavam banho com a gente, mas dentro da água não mordiam (pp. 16-17).

A alegria tão rara em Luís já chama a atenção neste trecho. E de onde vem essa alegria? Da separação de todo o resto. Os adultos, ordinariamente ameaçadores, chafurdam numa sujeira desgraçadamente. O menino, não. Toma um banho dentro do outro, de chuva e de rio, sozinho e protegido pela água. Quando salta no poço, fica protegido das cobras, como se a água, os unindo, os separasse, livrando-o do perigo das picadas.

O momento do banho é para ele, quando adulto, ocasião especial de exercício da solidão. Toma café às seis da manhã e vai para o chuveiro. Permanece lá por duas horas, lavando-se e pensando. Lá tem alguns dos mais excitantes momentos com Marina que, no banheiro da casa da vizinha, fronteiro ao seu, também se lava. Os ruídos dessa operação de limpeza permitem que ele crie uma imagem muito concreta e agradável da mulher.

Por fim, o desejo de isolamento de Luís fica claro na reação imediata que tem diante dos momentos-chave das crises que enfrenta. Seu desejo é sempre o de fugir. Logo no segundo capítulo ele manifesta esse desejo: “Se pudesse, abandonaria tudo e recomeçaria as minhas viagens. Esta vida monótona, agarrada à banca das nove horas ao meio-dia e das duas às cinco, é estúpida. Vida de sururu. Estúpida” (p. 8).

No dia em que, pela primeira vez, vê Julião Tavares insinuar-se para Marina, e o que é pior, da janela de sua casa, o desejo de fugir volta: “A porta escancarada convidava-me a abandonar tudo, a sair sem destino – um, dois, um, dois – e não parar tão cedo. Nenhum sargento me mandaria fazer meia-volta. Os meus passos me levariam para oeste, e à medida que me embrenhasse no interior, perderia as peias que me impuseram, como a um cavalo que aprende a trotar” (p. 105).

Ao ter certeza de que Marina está grávida, já que a ouve enjoando no banheiro do outro lado: “Eu resmungava pragas obscenas e andava duma parede a outra, sentia um desejo imenso de fugir, pensava na fazenda,

em Camilo Pereira da Silva, em Amaro vaqueiro e nas cobras, especialmente numa que se enrolara no pescoço do velho Trajano” (p. 191).

Os exemplos se multiplicam e é de se perguntar a razão que o impede de fugir. Pode haver muitas respostas para essa pergunta, mas uma delas é certamente que quem foge não pode observar – e ele não quer se alhear de todo, ele quer mesmo é esse isolamento ligado aos outros não pelas mãos, que se sujaram, mas pelos olhos, que a tudo devassam mas permanecem limpos do mundo. Além disso, o hábito de andar tem uma incrível marca negativa para as duas ordens entre as quais ele se divide. No passado ele já andara, e andar representou o rompimento com a velha ordem da infância e do passado glorioso do velho Trajano. Quando morre Camilo, ele deixa a vila a pé e vai de déu em déu. No presente, quem anda é seu Ivo, o vagabundo, o pária, figura problemática para ele, despertando-lhe ora ódio, ora simpatia²². De uma forma ou de outra, fugir, sair andando, não pode lhe dar o que realmente deseja.

Além disso, o que ele almeja não é propriamente a solidão. Estando distante, apenas observando, a vida dos outros de certa maneira acaba compondo a sua e é como se ele também, em troca, participasse da deles. A solidão absoluta na verdade o aterra e lhe dá a medida do fim da ordem de que participou na infância. A imagem do menino que brinca sozinho na chuva só pode ser alegre porque se trata de solidão a isolá-lo dos adultos. O problema é que se via obrigado a estar isolado também dos outros meninos – e esse é um primeiro momento em que aquilo que lhe parecia ser o mesmo acaba se transformando no outro, verdadeiro início do processo que fará que, na vida adulta, todos representem para ele o papel de outro, de modo a nunca haver identidade possível, mesmo com os amigos. Em duas ocasiões Luís conta que era um menino sozinho. Na primeira, ao evocar os tempos de escola, apenas o declara, sem explicar nada, e o leitor pode pensar que se tratava de uma espécie de inclinação natural para a solidão: “Saíamos numa algazarra. Eu ia jogar pião, sozinho, ou empinar papagaio. Sempre brinquei só” (p. 14). Mais tarde podemos saber que havia uma interdição, ditada pelo espírito orgulhoso de quem já havia tido importância: “Eu queria gritar e espojar-me na areia como os outros. Mas meu pai estava na esquina, conversando com Teotoninho Sabiá, e não consentia que me aproximasse das crianças, certamente receando que me corrompesse. Sempre brinquei só. Por isso cresci assim besta e mofino” (p. 163).

Eis a transição entre aquelas duas ordens a que Luís se ligava. Em nome de uma ordem que, a bem da verdade, morrera com o avô, o pai o impede de integrar-

²² “Seu Ivo não mora em parte nenhuma. Conhece o Estado inteiro, julgo que viaja por todo o Nordeste” (p. 61). (Nota do autor).

se na outra ordem. Havia um lugar para ele de destaque na ordem antiga – se fosse possível que ela continuasse vigorando. Não há lugar para ele na nova ordem, já que os valores com que se havia criado o impediam de identificá-la como sua. Quando o pai morre e tudo que se ligava à velha ordem é varrido do mapa, a solidão é terrível: “Que ia ser de mim, solto no mundo?” (p. 21). E por que solto? Porque fora de qualquer ordem possível para um menino de quatorze anos. Sua sensação é de que diminuira de tamanho e não podia ser visto: “Voltei à sala, na ponta dos pés. Ninguém me viu” (p. 21). E o desespero vem: “Que iria fazer por aí à toa, miúdo, tão miúdo que ninguém me via?” (p. 22). Para alguém que julgava ver tão importante, não ser visto é a forma mais aterradora de solidão – eis porque não lhe interessa empreender qualquer fuga, que permanece nele como um desejo vago que pode dar algum conforto apenas. Depois de enterrado o morto, os credores vieram ao armazém e “levavam as mercadorias, levavam os móveis, nem me olhavam” (p. 23). Não é à toa que o gesto de maior significado nesse episódio, a marcar profundamente a alma de Luís por toda a vida, tenha sido feito por uma empregada, Rosenda, que o vê dormindo e o lembra para que tome uma xícara de café: “Desde esse dia tenho recebido muito coice. Também me apareceram alguns sujeitos que me fizeram favores. Mas até hoje, que me lembre, nada me sensibilizou tanto como aquele braço estirado, aquela fala mansa que me despertava” (p. 23).

Esse lugar especial que o episódio ocupa na memória de Luís não vem porque se trata de um favor simplesmente. É um gesto de solidariedade para alguém que não podia ser visto. É a indicação de que é possível que haja outras ordens das quais ele poderia participar e onde poderia ser visto.

Quando o namoro com Marina começa, Luís da Silva vive exatamente um período de certa adaptação a uma ordem diferente daquela de sua infância e, finalmente, pode ser visto. A descrição do momento que vê Marina pela primeira vez mostra bem isso. É claro que ele é o primeiro a observar. Está deitado, lendo, numa espreguiçadeira no quintal e lhe chama a atenção a atividade de uma desconhecida na casa vizinha. É claro que ele vai negligenciar a leitura e exercitar sua atividade predileta, que é olhar os outros. O surpreendente é que ele também é visto: “Notei, notei positivamente que ela me observava” (pp. 43-44). Eis um Luís plenamente visível, em tudo oposto ao Luís de vinte anos antes, invisível, vendo-se obrigado a deixar a vila numa fuga humilhante. E pouco importa aqui se de fato Marina o observava ou não – o fundamental é que ele considera verossímil ser visto.

Essa certeza de sua visibilidade lhe vem porque a vida, depois de mil situações instáveis e até humilhantes, encontrava-se em maré muito favorável. A descrição de sua boa situação econômica vai se misturar com a narração dos primeiros contatos com Marina. E essa sua prosperidade se resume em que Luís não tinha dívida alguma: “O aluguel da casa estava pago. Andava em todas as ruas sem precisar dobrar esquinas” (pp. 49-50). Mas não era só isso: “A minha situação não era das piores. Uns três contos de economias depositados no banco. Há gente que casa com menos e vive” (p. 55).

Sobrava ainda, para Luís, para completar esse conforto econômico, o prestígio intelectual, uma espécie de conforto psicológico. Ele escrevia sobre literatura no jornal, e sua opinião era respeitada:

Alguns rapazes vêm consultar-me:

– Fulano é bom escritor, Luís?

Quando não conheço, respondo sempre:

– É uma besta.

E os rapazes acreditam (p. 60).

Está claro que Luís não é grande coisa na sociedade de Maceió e está numa posição que, embora confortável, não lhe dá a menor esperança de alcançar poder semelhante ao de que seu avô desfrutara. De qualquer maneira, ele pode até mesmo atrair a amizade de um rapaz rico como Julião Tavares, a quem conhece numa “festa de arte do Instituto Histórico” (p. 57). Ele frequenta, portanto, certos eventos sociais importantes – é claro que apenas na qualidade de intelectual, mas já é alguma coisa. O problema com a atividade de escrever é que se por um lado ela lhe dá visibilidade, de outro o anula. E isso acontece porque, além de crítica literária, Luís escreve de encomenda para políticos, numa atividade de pau-mandado. Quando está mergulhado na sua crise, às vésperas de matar Julião, ele verá a escrita como mais uma fonte de humilhação, invertendo de vez o conteúdo positivo que ela assume neste momento de satisfação, já que lhe diziam “escreve isto, Luís” e ele escrevia.

Isso tudo o leva a definir sua situação em Maceió da seguinte maneira: “Considerava-me um valor, valor miúdo, uma espécie de níquel social, mas enfim valor” (p. 49). Miúdo, mas não tanto quanto no episódio da morte do pai. Aqui ele é visível, ele conta. Ele pode dizer, definitivamente, como também dirá Fabiano²³ em *Vidas Secas*, que já comera toucinho com mais cabelo. Não estava por cima, mas nem tampouco por baixo. E isso o acalmava a ponto de aquietar até mesmo seus desejos sexuais:

Apesar destas desvantagens [a sua feiúra], os negócios não iam mal. E foi exatamente por me correr a vida quase bem que a mulherzinha me inspirou interesse – novidade, pois sempre fui alheio aos casos de sentimento. Trabalhos, compreendem? Trabalhos e pobreza. Às vezes o coração se apertava como uma corda de relógio bem enrolada. Um rato roía-me as entranhas.

Nestes últimos tempos nem por isso, mas antigamente era uma existência de cachorro ruim. As mulheres tinham cheiros excessivos, e eu me sentia impelido violentamente para elas (p. 45).

Nesse momento Luís pertencia a uma ordem, a ponto de, nenhuma vez, desde o capítulo em que Marina aparece até o capítulo em que Julião Tavares o ameaça, o universo familiar ser sequer tocado por ele. Sendo assim, por que não seria possível deixar a velha ordem, de que era a ponta final, e se estabelecer de vez na nova ordem, convertendo-se num fundador? Casando-se, ele poderia viver esse papel, dando início a uma família, que nada teria a ver com Trajano, Camilo e Germana. Não uma família que era resultado da perda dos sobrenomes, como ele sentia, com seu “da Silva” – mínimo perto do Pereira de Aquino Cavalcante e Silva do avô e pequeno mesmo diante do decaído Pereira da Silva do pai – mas sim de uma família que poderia crescer a partir daquele nome único. E essa possibilidade fica ainda mais risonha para ele quando se vê procurado pela mãe de Marina, D. Adélia, com o pedido de que arranjasse um emprego para a moça:

– Dê uma penada por ela.

Coitado de mim.

– Difícil. É preciso pistolão.

– Eu sei, disse d. Adélia. Foi por isso que me lembrei do senhor, que é bem relacionado. Só conhecemos o senhor (p. 70).

De uma hora para outra, Luís da Silva vê-se alçado de níquel social a rapaz bem relacionado, capaz de colocar alguém. Em relação àquela família de operário, estava por cima, e ele transfere a posição de rato para Marina, convertendo a si mesmo em gato, ainda que vagabundo: “Estava linda. Tinha corrido por ali alguns minutos como um rato, chiando. Eu era um gato ordinário. Podia saltar em cima dela e abocanhá-la” (p. 82).

Um casamento nessas condições era mais interessante ainda em sua trajetória rumo a uma posição mais fixa e respeitável na nova ordem que substituíra a do velho Trajano. Estando por cima, um casamento com Marina lhe daria a oportunidade de exercer sobre ela algum tipo de dominação. Sem mencionar que a beleza de Marina, além de despertar-lhe o desejo, garantiria uma

²³ Personagem do romance *Vidas Secas* de Graciliano Ramos.

nova forma de superioridade, a inveja dos outros homens – situação que ele imagina em detalhes, mais tarde, na ocasião em que a moça vai ao teatro com Julião Tavares.

Quando vem com um pequeno emprego no comércio, conseguido com muito custo, e comunica a conquista mesquinha a Marina, os planos são postos em prática. É nessa posição, de alguém capaz de obter favorecimentos, que pela primeira vez ele procura um contato físico mais íntimo com ela. Marina desejava coisa melhor, mas acaba agradecendo e Luís afirma que fizera tudo porque lhe queria bem, partindo para o ataque, como deve fazer um gato:

Apertei-lhe a mão, mordi-a, mordi o pulso e o braço. Marina, pálida, só fazia perguntar:

– Que é isso, Luís? Que doídice é essa?

Mas não se afastava. Desloquei as estacas podres, puxei Marina para junto de mim, abracei-a, beijei-lhe a boca, o colo. Enquanto fazia isso, as minhas mãos percorriam-lhe o corpo. Quando nos separamos, ficamos comendo-nos com os olhos, tremendo. Tudo em redor girava. E Marina estava tão perturbada que esqueceu de recolher um peito que havia escapado da roupa (p. 84).

Luís quer tanto se casar que, embora ninguém tenha visto a cena e nem ela seja narrada de forma a sugerir que algo de irreparável para a honra da moça havia acontecido, assim que ela pergunta o que eles iriam fazer, ele propõe o casamento. Tudo parece estar certo, e ele se lança à aventura. Gasta tudo o que tem guardado – e ainda faz dívidas – para preparar o casório. Deixa a tranquilidade de lado para dar um salto maior, e isso o faz surpreendentemente confiante. A instabilidade que se avizinha não o perturba – afinal algo está para começar e é possível pensar no brilho do futuro, sem qualquer interferência do passado:

Liquidei a minha conta no banco, estudei cuidadosamente uma vitrine de joias, escolhi um relógio-pulseira e um anel. Saí da joalheria com vinte mil réis na carteira, algumas pratas e níqueis. Mais nada. Apenas confiança no futuro, apesar dos encontrões que tenho suportado. Os matutos acreditavam na minha literatura. Vinte mil réis para café e cigarros.

Ia cheio duma satisfação maluca (p. 101).

Quando ele chega em casa, trazendo as jóias, vê Marina se derretendo para Julião Tavares. O tamanho do golpe é enorme. Mais do que um caso de masculinidade ferida, o fim presumível – que se confirmará depois de um mês – de seus planos de casamento afastam de Luís a possibilidade de inserção definitiva nessa ordem urbana em que ele já se figurava tão bem, deixando de

lado a pequenez que carregara por toda a vida. Aquela satisfação, tão rara, se evapora, e em seu lugar não poderia entrar nem sequer a restauração da vida tranquila, sem brilho mas sem sobressaltos, que tinha antes de conhecer Marina.

A perda da tranquilidade, aliás, havia sido representada logo de saída, no mesmo capítulo em que Luís vê Marina pela primeira vez. Ele está lendo e, à medida que vai se interessando pela figura agitada do outro lado da cerca, a literatura vai se tornando coisa menos interessante. A imagem inicial é a da prosperidade, e nesse contexto o livro não é ruim:

Em janeiro do ano passado estava eu uma tarde no quintal, deitado numa espreguiçadeira, fumando e lendo um romance. O romance não prestava, mas os negócios iam equilibrados, os chefes me toleravam, as dívidas eram pequenas - e eu rosnava com um bocejo tranquilo:

– Tem coisas boas este livro (p. 41).

Aqui já vai inscrita, sutilmente, a distância que separa o Luís da Silva do momento em que escreve a história, que afirma que o livro não prestava, e o Luís da Silva que ia ver Marina pela primeira vez e que encontrava coisas boas nele. O caminho entre essas duas posições extremas vai sendo marcado no decorrer do capítulo, à medida que a leitura vai sofrendo a interferência daquela tipa, vermelha, como ele mesmo diz. E até mesmo a má literatura é coisa que tranquiliza e estimula:

Quando me caía nas mãos alguma obra ordinária, ficava contentíssimo:

– Ora muito bem. Isto é tão ruim que eu, com trabalho, poderia fazer coisa igual.

Os livros idiotas animam a gente. Se não fossem eles, nem sei quem se atreveria a começar (p. 42).

E é ainda com tranquilidade que ele vai começar a desviar os olhos das coisas boas do livro: “Esse que eu lia debaixo da mangueira, saltando páginas, era bem safado” (p.42). Rapidamente, no entanto, a realidade toma de assalto Luís através de Marina, e o livro começa a irritá-lo e cair cada vez mais em seu julgamento. Desvia os olhos da vizinha inutilmente: “E mergulhei na leitura, desatento, está claro, porque o livro não valia nada” (p.43). Logo em seguida, o livro não tem mais salvação, e acaba merecendo apenas o superlativo da ruindade: “Fiquei lendo o romance, péssimo romance, enquanto a tipinha se mexeu nas roseiras” (p.43). O livro ruim deixa de ser algo estimulante. Na verdade, diante da imagem viva, em movimento, que faz pensar num tempo em evolução e não num tempo congelado como é aquele em que Luís vive, a literatura, que faz parte desse mundo

imóvel, sendo mesmo um dos elementos mais importantes na constituição do conforto que ele lhe dá, começa a se afigurar sem graça. Desde o princípio, portanto, Luís parece sentir-se atraído a arriscar a trocar do papel de final de estirpe para o de fundador de uma outra estirpe.

Feito o menor movimento de recusa pela posição de estabilidade em que ele se encontrava, já não é possível recuar. E o Luís inquieto, nervoso, volta, e com ele a velha ordem da infância. O passado remoto, que andava distante de suas cogitações, volta de uma vez por todas. No mesmo capítulo em que percebe o que está acontecendo lhe vem a imagem do avô que prefigurará seu crime: “Certo dia uma cascavel se tinha enrolado no pescoço do velho Trajano, que dormia num banco do copiar” (p. 104). Esta é a primeira vez, de uma série enorme, em que as imagens de enforcamento e de corda vão povoar a mente de Luís, contribuindo para o processo de deformação da realidade que vai se tornar comum para ele. O crime já está em gestação. Essa deformação aparece claramente quando, em conversa com o pai de Marina, o seu Ramalho, Luís ouve pela milésima vez a narrativa de um crime horrível, em que um moleque era morto depois de longa tortura. Todo o sangue da cena narrada é transferido para a rua. Seu Ramalho vai para o trabalho e parece que vai sujar os pés: “Quando ele desceu da calçada, estremeceu: pareceu-me que tinha sujado os sapatos no sangue” (p. 154). A sujeira toda que ele vê na rua é evidente que o exaspera. Ele enxerga o moleque morto e rapidamente muda sua figura na de Julião Tavares. Mas seu desejo de morte não pode se exercer numa imagem tão suja. E logo encontra uma solução limpa para o seu problema:

A figura deitada no calçamento estava branca e vestida de linho pardo, com manchas de suor nos sovacos. Felizmente o sangue tinha desaparecido, já não havia a umidade pegajosa na sarjeta, nos cabelos de d. Rosália, nas saias de Antônia. Em redor calmo. Gente indo e vindo, crianças brincando, roncões de automóveis. O homem tinha os olhos esbugalhados e estrebuchava desesperadamente. Um pedaço de corda amarrado no pescoço entrava-lhe na carne branca e duas mãos repuxavam as extremidades da corda, que parecia quebrada. Só havia as pontas, que as mãos seguravam: o meio tinha desaparecido, mergulhado na gordura balofo como toucinho (p. 156).

Além de reafirmar a mania de limpeza e de fixar de vez a maneira já de antemão escolhida para o assassinato, esta visão de Luís é significativa porque mostra como o plano de matar Julião Tavares representa para ele, na verdade, a volta à velha ordem. A descrição de um presente que corre naturalmente, indiferente à cena horrível de um homem que estrebucha em pleno espaço público é mesmo a representação do fracasso prático que

seria o assassinato de Julião Tavares. A imagem da sua morte nasce de uma história que pertence àquela velha ordem e não interfere em absolutamente nada na vida presente: os carros continuam a passar, as crianças continuam a brincar. O grande gesto capaz de riscar Julião Tavares do mapa parece reduzido a nada. Muito antes, portanto, do crime, fica estabelecido que o assassinato representa uma solução forjada a partir de uma ordem que não mais vigora, e por isso está fadado a ser uma falsa solução. A sensação de Luís na manhã seguinte ao crime apenas confirmará a inutilidade da eliminação de Julião Tavares. Várias vezes ele anota que tudo permanecia calmo na rua, como sempre, sem alterações, até perceber que também sua vida não mudaria em nada: “Um funcionário. Pus-me a rir como um idiota. Continuará a escrever informações, a bater no teclado da máquina, a redigir artigos bestas. ‘Perfeitamente’ O sorriso sem vergonha concordando com tudo. ‘Perfeitamente’ ” (p. 308).

Matar Julião Tavares não o salvaria. A subserviência se manteria. A posição de níquel social continuaria sendo o máximo a que suas pretensões conduziriam. Matar Julião Tavares foi mesmo inútil porque não interfere na ordem presente. Até mesmo o seu sucesso como assassino o diminui. Ninguém suspeita dele, ninguém o prende, ninguém o descobre. Nem a publicidade barata das gazetas – mesmo ínfima perto da publicidade ruidosa que se criava em torno de um assassino no tempo da infância – ele consegue. Permanece invisível, e tudo que o ato de forte vontade lhe rende é a certeza de que não pertence a ordem nenhuma. Eis como ele se recorda dos assassinos daquela época:

E o criminoso, pisando com força, atravessava o quadro, a cabeça erguida, a testa cortada de rugas, o olhar feroz, trombudo, impando de orgulho. Algumas horas depois estaria acocorado a um canto da prisão, sem vontade, como seu Ivo. Mas ali, diante dos curiosos que se empurravam, representava o papel de bicho: franzia as ventas, mordida os beiços, dava puxões na corda e grunhia. Olhavam para ele com admiração, e os cachimbos se envaideciam por havê-lo pegado vivo. Rosenda pasmava. – Estamos acostumados a amansar brabo, minha negra. O carcereiro balançava as chaves, e o delegado dava encontrões no povo, carrancudo, quase tão importante como o preso (pp. 208-209).

Seu prestígio era enorme, ultrapassando o da autoridade constituída. Os padecimentos na prisão o transformavam espiritualmente num ser desfibrado, um vagabundo como seu Ivo, mas a imagem que ficava era poderosa e compensava tudo. Sobra valentia para todos: para o delegado, que se impõe à base de empurrões, e para os carcereiros, que se mostram às mulheres dizendo-se

capazes de amansar a fera. Marco definitivo – e positivo – na vida social: eis o que representava um assassinato. O roubo, ao contrário, era humilhante: “Um ladrão de cavalos seria maltratado, aguentaria facão, de joelhos, nu da barriga para cima, um soldado segurando-lhe o braço direito e batendo-lhe no peito, outro segurando-lhe o braço esquerdo e batendo nas costas” (p. 209).

Apenas nessa ordem Luís poderia tentar se elevar pelo crime. Afinal, Julião também era criminoso, um ladrão. Ele e toda sua família rica também eram ratos. Em *Angústia* o rato não é somente um ser da qualidade de Luís, que vive à margem, alimentando-se das migalhas que o descuido de alguém mais poderoso deixa no caminho. Os ratos são ladrões – e os ratos que lhe infestam a casa roubam-lhe a comida e os livros. Os grandes ladrões também são ratos. Logo na primeira vez que Julião aparece no romance, é descrito como pertencendo a uma estirpe de ratos:

Conversa vai, conversa vem, fiquei sabendo por alto a vida, o nome e as intenções do homem. Família rica. Tavares & Cia., negociantes de secos e molhados, donos de prédios, membros influentes da Associação Comercial, eram uns ratos. Quando eu passava pela rua do Comércio, via-os por detrás do balcão, dois sujeitos papudos, carrancudos, vestidos de linho pardo e absolutamente iguais. Esse Julião, literato e bacharel, filho de um deles, tinha os dentes miúdos, afiados, e devia ser um rato, como o pai. Reacionário e católico (p. 58).

Iguais como os ratos. Ladrões como os ratos. De dentes miúdos e afiados como os ratos. Eis o tipo degradado ao qual Luís identifica os Tavares. Na velha ordem, ao matar, um indivíduo se colocava numa posição de destaque, que não se confundia com a de um ladrão. Mas na nova ordem, um ladrão é um camarada que tem boa posição, que lhe garante inclusive a porta aberta para novos roubos – roubo de mulheres, por exemplo. Luís matou Julião, mas não matou esta nova ordem, nem pôde restaurar a antiga, e por isso mesmo permanece à margem, rato miúdo. Enquanto durava a velha ordem, a decadência e a falta de dinheiro não diminuíam o prestígio do velho proprietário. Assim, Trajano, bêbado, permanece acima de seu velho escravo, o mestre Domingos, totalmente aprumado na vida, mas ainda reverenciando o velho e cuidando dele, levando-o de volta para casa depois do excesso de cachaça, aguentando as ofensas. O velho não mandava em mais nada, mas os cangaceiros – respeitáveis porque temidos assassinos – iam cumprimentá-lo, humilhados, de chapéu na mão. Agora não. O dinheiro conta muito, não importa como ele foi obtido. E Luís sabe disso, tanto que sonha em ganhar na loteria e o número do bilhete que lhe ofereceram certa vez, a partir do qual ele projetou uma

vida nababesca ao lado de Marina, volta-lhe constantemente durante o longo delírio final: 16 384. Esse sonho de riqueza mostra bem que Luís vive nas duas ordens. Se a velha ordem lhe sugeriu uma falsa solução, é porque a solução que poderia ser definitiva na nova ordem, a do dinheiro, está totalmente fora de seu alcance.

E é justamente a convivência com duas ordens diferentes de valores que explica o fracasso do acontecimento-chave do romance e, ao mesmo tempo, dá a medida da visão do outro em *Angústia*. Paulo Honório²⁴ permanece na sua ordem e pode tentar pelo menos se afastar do outro, desistindo de suas conquistas, quando ele aflora através de Madalena²⁵. Para ele, matar Mendonça²⁶ fora rendoso porque ambos operavam dentro de uma ordem que está em pleno vigor. Para Luís da Silva, no entanto, absolutamente todos são o outro, tão inacessíveis e tão inapagáveis quanto foi Madalena para Paulo Honório. Se procurarmos em quem Luís da Silva encontra um irmão, sairemos de mãos abanando. O mesmo não há, só o outro. De todas as criaturas do passado que o ajudam a cometer o crime, nenhuma tem o peso de José Baía, figurado sempre como um matador sem culpa nem consciência do que pratica, de tal forma está inserido na ordem em que eliminar um inimigo é coisa perfeitamente natural. Nos momentos que antecedem o crime, Luís da Silva o evoca com insistência, tentando aproximar-se dele e operar de forma que a velha ordem, como ele a figura no início da narrativa, em que o outro não existe porque incorporado à máquina do mundo, possa converter Julião Tavares não num outro *diferente*, mas sim num outro *oposto*. Só que ele parte do sistema errado, ao identificar-se com José Baía, com quem Julião nada tem a ver. Na iminência do crime, um parágrafo antes de o vermos retirar a corda do bolso, quando ainda lutava para desistir de seu intento, José Baía lhe surge:

Fiz um esforço desesperado para readquirir sentimentos humanos:

– José Baía, meu irmão...

José Baía não era meu irmão: era um estranho de cabelos brancos que apodrecia numa cadeia imunda, cumprindo sentença por homicídio (p. 271).

José Baía não existia e não poderia ajudá-lo a obter sentimentos humanos, o que o obriga a encarar o fato de que seu ato é pessoal, vil, impossível de justificar. Daí vem o desejo de que Julião fuja, escape de suas garras, como o gato que desejasse ver o rato fugir ao seu cerco. Desde antes do ato sabe que é impossível matar o rato, porque ele, na verdade, é o gato. Rato ele seria numa

²⁴ Personagem do romance *São Bernardo* de Graciliano Ramos.

²⁵ Esposa de Paulo Honório, personagem do romance *São Bernardo* de Graciliano Ramos.

²⁶ Personagem do romance *São Bernardo* de Graciliano Ramos.

outra ordem. Assim, Julião é um outro tão incompreensível quanto José Baía. José Baía *era* um seu igual. Julião Tavares *seria* seu oposto. E ele não consegue ser efetivamente o oposto de sua vítima nem na polarização política. O ricoço é reacionário e católico. E ele, é um comunista? Não: “Eu tinha lá convicção?” (p. 231). Assim, Luís não consegue fugir das razões do outro nunca, nem mesmo das razões de Julião Tavares: “Marina era um instrumento e merecia compaixão. D. Adélia era um instrumento e merecia compaixão. Julião Tavares era também um instrumento, mas não senti pena dele. Senti foi o ódio que sempre me inspirou, agora aumentado” (p. 198).

Essas razões são tão fortes e tão inapagável é o outro, que ele tem que transportar Julião Tavares para aquela ordem se quer matá-lo. Daí vem o desejo de que ele fuja do lugar em que se encontra. À luz dos postes, em pleno domínio da cidade, ele sabe que não conseguirá matá-lo. Lá Julião estaria seguro – e não nesse descampado escuro, que lembra o sertão e em que é possível acabar com um vivente sem vê-lo, como fazia um José Baía, que nem sequer sabia quem matava e por quais razões.

E note-se que não se trata de consciência culpada buscando uma simpatia do leitor. No início de sua narrativa ele dá duas demonstrações cabais de que não busca essa simpatia. A primeira se dá no passeio de bonde inicial, é muito sutil – e por isso mesmo significativa: “Quanto mais me aproximo de Bebedouro, mais remoço” (p. 11). Bebedouro, o leitor levará muitas páginas mas descobrirá, é o lugar onde o crime aconteceu. A segunda vem na apresentação de Julião, referindo-se às notícias da morte do rapaz: “Os jornais andaram durante uma semana a elogiá-lo, mas disseram mentira. Julião Tavares não tinha nenhuma das qualidades que lhe atribuíram” (pp. 56-57).

O fato é que todos são os outros e, por serem os outros diferentes, irredutíveis, o invadem a todo momento, quer ele queira ou não:

Tudo foi visto ou ouvido de relance, talvez não tenha sido visto nem ouvido bem, mas avulta quando estou só – e distingo perfeitamente a criança, o operário faminto, os namorados que desejam deitar-se. Eles me invadiram por assim dizer violentamente.

Não fiz nenhum esforço para observar o que se passava na multidão, ia de cabeça baixa, dando encontrões a torto e a direito nos transeuntes. De repente um grito, uma palavra amarga, um suspiro – e algumas figuras se criaram, foram bulir comigo na cama (p. 182).

Eis o outro motivo que faz de Luís um observador obsessivo. O outro o invade, e ele sabe o que se passa com todos, até com completos desconhecidos apenas entrevistados na multidão que o atropela nas calçadas e depois o

atropela em sua solidão. E qualquer forma de identificação com o outro é logo frustrada: “A minha raiva crescia, uma raiva de cangaceiro emboscado. Por que esta comparação? Será que os cangaceiros experimentam a cólera que eu experimentava?” (p. 267).

É impossível ver o outro pelo estereótipo. A visão padronizada do outro se insinua, mas logo é afastada por essa inteligência observadora. Assim, todos parecem à vida de Luís e, como ele não pode apagá-los, deixar de levar-lhes em conta os desejos, são capazes de perturbá-lo. Até o caso mais banal, de crianças que querem roubar frutas do quintal do vizinho, lhe dá vontade de fugir, deixando o outro à vontade: “Vejo às vezes por cima dele [do muro] cabecinhas de crianças que esperam momento favorável para furtar as mangas dos galhos que lhes chegam ao alcance das garras. Fujo para não importuná-las, mas são assustadiças e escondem-se” (p. 51).

E não adianta tentar deixar os meninos sossegados. Sair de cena para facilitar-lhes o furto os afasta ao invés de os atrair. É impossível conhecer quem quer que seja. Ninguém, de nenhuma das duas ordens, pode ser visto de forma integral e estática. É assim que, como José Baía só pode ser irmão dentro de uma visão absurdamente restauradora, também a figura-modelo de mulher, sua avó sinha Germana, em tudo oposta a Marina, em seu estatuto de criatura despida de prazeres e de desejos, não resiste se transplantada para a ordem do presente:

A brasa do cigarro chegava-me perto dos beiços, brilhava, faiscava, parecia mamar de mim na escuridão. Sinha Germana só tinha aberto os olhos diante do velho Trajano. Sem dúvida. Mas eu queria ver sinha Germana agora, no cinema, ou correndo as ruas, com uma pasta debaixo do braço, e mais tarde no escritório, batendo no teclado da máquina, ouvindo a cantiga dos marmanjos. Hábitos diferentes, necessidades novas (p. 144).

Esse retrato da avó surge num momento em que, desejoso de reatar suas relações com Marina, procura justificá-la. A operação mental é complicada. Julga a moça, que pertence à ordem do presente, a partir de um referencial fixo no passado. Para poder desculpá-la, então, move seu referencial para o presente, onde ele não faz sentido e pode ser demolido. Assim, Marina pode ser idealizada pela aproximação com o referencial degradado porque deslocado de sua ordem natural. Luís, portanto, não tem como estabelecer para si mesmo parâmetros que lhe assegurem a proximidade com quem quer que seja, porque os dois sistemas, incompatíveis, convivem o tempo todo dentro dele, tornando qualquer pessoa um mistério total.

E no presente? Seria possível compreender alguém, transformando-o num irmão? Não. Embora Luís encontre a solidariedade de seu Ramalho, que julga a filha

um caso perdido, não consegue entendê-lo. Dos vagabundos, como já se disse anteriormente, é impossível esperar qualquer simpatia, assim como, por mais que ele próprio tenha sido um vagabundo na sua transição de uma ordem à outra, é impossível buscar em si uma simpatia que o aproxime deles. É claro que Luís tem um amigo como o Moisés. Mas o leitor demora para saber que ele é um amigo, já que aparece evocado logo no primeiro capítulo apenas como alguém a quem deve dinheiro, o “Moisés das prestações”. Luís prioriza um pagamento a ele – e ficamos sabendo que na verdade o pagamento é para seu tio, um negociante de tecidos – para poder ficar à vontade no café. E quando se sente confortável para tê-lo diante de si, o que há ali não é propriamente um amigo: “Agora estou defronte dum amigo, um amigo que me liga pouca importância, é verdade, um amigo todo entregue aos telegramas estrangeiros, mas que me custou cem mil réis. Parece-me que até certo ponto Moisés é propriedade minha. Os cem mil réis vão me fazer muita falta” (p. 32).

Moisés não poderá nunca ser um igual, um irmão, pois não vê Luís, apenas se senta junto dele. Luís, por sua vez, para conservá-lo como amigo, apesar de não ser visto, precisa proceder como na velha ordem, em que todos eram propriedade do velho Trajano, o que o aproximava, por pertencerem ao mesmo sistema, de todos da propriedade: “Quitéria e outras semelhantes povoaram a catinga de mulatos fortes e brabos que pertenciam a Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva” (p. 199).

Exemplo mais acabado de como é impossível compreender o outro se dá no episódio em que Luís rouba umas moedas de Vitória. Sem dinheiro nenhum, e doido para ir ao teatro e ver como Marina se comporta e é vista lá, junto a Julião Tavares, ele acaba se resolvendo a roubar algum dinheiro da criada, cuja grande mania era contar e recontar o dinheiro e escondê-lo numa cova no quintal. Mal a ideia lhe aflora no pensamento e ele já a classifica de uma “miséria”. Mas acaba pensando que em seis dias receberia o salário e reporia o dinheiro com juros de cem por cento:

Seis dias depois colocaria no buraco o duplo da quantia retirada.

– Nenhuma ação indigna. Nenhuma ação indigna (p. 175).

A consciência se aplaca, a ponto de ele formular a ideia de que roubava a si mesmo ao restituir em dobro um dinheiro que podia muito bem ter sido roubado pela Vitória, para aumentar seu capital. Luís não consegue nem sequer gastar esse dinheiro, tão precário que é para ele esse apagamento das razões de Vitória. Mais tarde, ele de fato coloca no buraco o dobro do dinheiro que havia pegado. E acaba reconhecendo que fizera bobagem: “Introduzi perturbações muito sérias numa

vida” (p. 177), admite melancolicamente. Luís percebe que o dinheiro em si não era a verdadeira raiz da mania contabilista de Vitória. Se fosse mera usura, o raciocínio de que fizera bom negócio poderia até funcionar. Mas não é isso o que de fato importava para ela:

Não podia descansar, e a minha piedade era inútil. Levei o desespero a uma alma que vivia sossegada. Toda a segurança daquela vida perdeu-se. A linha traçada do quarto à raiz da mangueira, uma linha curta que os passos trêpegos e vagarosos percorriam na escuridão, fora de repente cortada.

– Vá descansar, Vitória.

Conselho inútil. O céu de Vitória, miudinho, onde grilos e formigas moravam, tinha sido violado (p. 179).

É claro que Luís agiu segundo seus próprios interesses e critérios – e também por eles procurou ressarcir a empregada. Acontece que seus interesses e critérios nada tinham a ver com os dela. No final, ele fizera com Vitória o mesmo que Julião fizera com ele: levou o desespero a uma alma que vivia sossegada. É claro que os vinte e três mil réis valiam apenas vinte e três mil réis para ele, mas para Vitória valiam o sossego. Por que, no final das contas, Marina não poderia ser apenas mais uma conquista sem importância para Julião? Como ele poderia saber que nela Luís projetava o final de todas as suas angústias e nela preparava o começo de toda uma nova era? O outro é inabordável para qualquer um.

O caso específico de Luís da Silva pode ser analisado, portanto, como um desenvolvimento do caso de Paulo Honório²⁷. Paulo Honório teve oportunidade de amadurecer dentro de uma ordem, à qual ele se sentia pertencer, e mais, parecia-lha a única ordem possível no mundo. Não havia qualquer problema para ele, então, em reduzir ou mesmo eliminar o outro, se ameaçasse sua vitória dentro dessa ordem. A possibilidade de haver outras ordens às quais seria impossível permanecer indiferente só surge para ele com Madalena²⁸, e lhe toca fundo através de uma brecha que aquele seu ser pacientemente construído, apesar de tudo, conservou.

Luís, ao contrário, viu-se obrigado a viver em duas ordens diferentes – além de ter tido experiências da marginalidade mais patente, como a vida nômade e a mendicância. Essa multiplicidade de vivências, ao contrário do que se poderia supor, não o fez compreender melhor o outro exatamente porque revelou esse outro como um universo complicado demais para ser compreendido. Deu-lhe uma abertura maior do que a de Paulo Honório, já que o tornou capaz de reconhecer a existência de diferentes ordens nas quais se inserem os indivíduos.

²⁷ Personagem do romance *São Bernardo* de Graciliano Ramos.

²⁸ Esposa de Paulo Honório, personagem do romance *São Bernardo* de Graciliano Ramos.

Mas essa abertura acabou se revelando um fechamento em seu desejo de afirmação porque permitiu uma invasão maciça do outro na sua vida, que o impedia de reduzi-lo ou afastá-lo – assim como, simetricamente, o fechamento de visão de Paulo Honório permitiu abrir-lhe o caminho para as conquistas pessoais, apagando o outro.

Com *Angústia*, a obra de Graciliano chega a um ponto máximo de exploração psicológica do problema da relação com o outro. Aprofundar o impasse, pelo menos a partir do horizonte presumível neste romance, era ir ao encontro da desagregação total, de que Luís da Silva esteve muito próximo. Da felicidade de João Valério²⁹, cuja psicologia de fato mesquinha permitiu-lhe uma fusão entre os valores da comunidade em que vivia e seus

²⁹ Personagem do romance *Caetés* de Graciliano Ramos.

próprios anseios pessoais, à infelicidade irremediável de Luís da Silva, que nem sequer sabe ao certo a que comunidade pertence, passando pela felicidade transitória de Paulo Honório, destruída quando percebe haver descompasso entre seus desejos e valores sociais que ele até certa altura ignorou, Graciliano Ramos, através do conflito com o outro, empreendeu a mais bem acabada fusão entre vida íntima e vida social que o romance de 30 foi capaz de urdir – e talvez em toda a tradição do romance brasileiro apenas Machado de Assis tenha construído monumento literário comparável, nesse sentido, ao seu.

(Bueno, Luís. *Uma história do Romance de 30*. São Paulo Editora da Universidade, pp 624-641.)

6. BIBLIOGRAFIA

BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

CÂNDIDO, Antonio. *Os bichos do subterrâneo*. In: Tese e antítese. São Paulo: Nacional, 1978.

_____. *Ficção e confissão – Ensaio sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

CARVALHO, Lúcia Helena. *A ponta do novelo*. São Paulo: Ática, 1983.

HAMILTON, Russel George. *A arte de ficção em Graciliano Ramos: a apresentação dos personagens*. Yale University, 1965.

MARINHO, Maria Celina Novaes. *A imagem da linguagem na obra de Graciliano Ramos: uma análise de heterogeneidade discursiva nos romances Angústia e Vidas Secas*. São Paulo: Humanistas/FFLCH/USP, 2000.

PESSOA, Katia Regina. *A invenção do eu em Angústia, de Graciliano Ramos*. Dissertação de mestrado. São Paulo: PUCSP, 2008.

RAMOS, Graciliano. *Angústia*, 49ª ed. Rio, São Paulo: Record, 1998. (Edição empregada em *Uma história do Romance de 30*, Luís Bueno).

RAMOS, Graciliano. *Angústia*, 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.

RAMOS, Ricardo. *Graciliano: retrato fragmentado*. São Paulo: Globo, 2011.

SALLA, Thiago Mio. *Graciliano Ramos e a cultura política: Mediação editorial e construção da Universidade de São Paulo/Fapesp*, 2016.

SILVA, Enaura Queixa beira Rosa e outros. *Angústia 70 anos depois*. Maceió: Ed. Catavento, 2006.

□ Exercícios

TEXTO PARA AS QUESTÕES 1 A 5

Assim, acabei de encalacrar-me. Marina recebeu os panos friamente, insensível ao sacrifício que eu fazia, aquela ingrata. Se eu não tivesse cataratas no entendimento, teria percebido logo que ela estava com a cabeça virada. Virada para um sujeito que podia pagar-lhe camisas de seda, meias de seda. Que valiam os tecidos grosseiros comprados ao velho Abraão, ou Salomão, o tio de Moisés? Nem olhou os pobres trapos, que ficaram em cima de uma cadeira, esquecidos. (Angústia, 1998, p. 85).

1. O texto acima revela um padrão único e uniforme no uso da linguagem? Justifique sua resposta.
2. Substitua as expressões grifadas no fragmento sem alterar o sentido original: “acabei de encalacrar-me (...)”, “Se eu não tivesse cataratas no entendimento (...)” e “Que ela estava com a cabeça virada”.
3. Caracterize o narrador quanto a função social, o foco narrativo e o modo como se vê a si mesmo.
4. Quem é o Moisés mencionado e qual sua representatividade na narrativa?
5. Caracterize o sujeito que podia pagar a Marina as camisas e, as meias de seda e explique o que simboliza essa personagem no contexto do romance?

☐ Resoluções

- 1) O texto revela um padrão culto de linguagem, no que se refere às propriedades gramaticais de concatenação de frases e de expressão precisa das ideias. Esse padrão culto, entretanto, vale-se de expressões mais simples ou pitorescas para revelar as emoções de um homem revoltado. Portanto, o padrão de linguagem não é uniforme.
- 2) As expressões apresentadas podem ser substituídas respectivamente por: Acabei de enredar-me; se eu não tivesse o entendimento embaçado; e que ela estava encantada com outros planos.
- 3) O narrador é Luís da Silva, funcionário público, e autor eventual de alguns artigos para a imprensa. O foco utilizado é o de primeira pessoa e, portanto, Luís da Silva não apenas fala dos outros, mas, sobretudo, fala de si. No texto apresentado, ele se vê um tanto ofendido e humilhado, em função de seus recursos quase nulos na concorrência amorosa.
- 4) Moisés é amigo de Luís da Silva, comerciante que vende à prestação. Socorre Luís da Silva em algumas aperturas com dinheiro, mas tem muita vergonha de cobrar seus devedores. Isso indica nele certa formação refinada, porém pouco prática, e esse fato é patente, sobretudo, nos idealismos revolucionários e políticos em que Moisés acredita.
- 5) Julião Tavares, antagonista de Luís da Silva, afetava superioridade por ser rico e ter poder, sendo caracterizado como “um sujeito gordo, vermelho, risonho, patriota, falador e escrevedor”, que seduzia as moças, para abandoná-las depois (como fez com Marina). Foi morto por Luís da Silva.